

15/09/2022 10:15:20 - AE NEWS

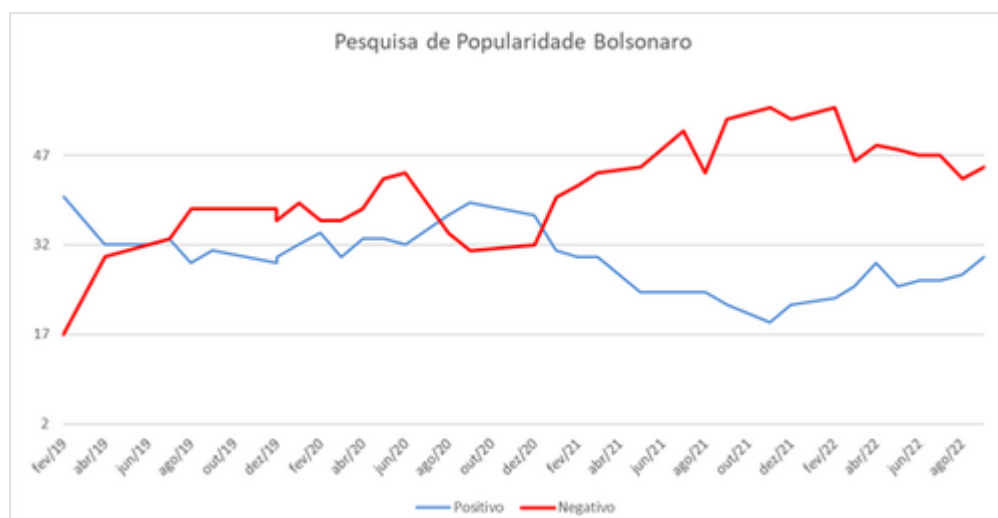
ARTIGO/MARCELO KFOURY MUINHOS: ATUAÇÃO NA PANDEMIA PROVAVELMENTE CUSTARÁ REELEIÇÃO A BOLSONARO



O Brasil se encontra a pouco mais de duas semanas das eleições gerais de 2022. Diferentemente do artigo que fizemos para o próprio **Broadcast**, há cerca de 6 meses antes da eleição, quando argumentamos que naquele momento a popularidade do incumbente era relevante, não mais se discute a popularidade do presidente, mas sim as pesquisas de intenção de voto. Estas têm mostrado repetidamente o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva com mais chances de ser eleito em outubro do que o incumbente ser reeleito.

Todos os presidentes que concorreram à reeleição após a redemocratização venceram as eleições. Porém, nunca às vésperas do pleito o candidato à reeleição para a presidência do Brasil teve a soma das avaliações ruim e péssimo acima da soma das avaliações boa e ótima. Em setembro do ano da reeleição, FHC tinha um excesso de avaliação bom e ótimo sobre ruim e péssimo de 26pp e Lula tinha 29pp. Mesmo Dilma, que por pouco não foi reeleita, apresentou um excesso de avaliação positiva de 18pp. O atual presidente iniciou o mandato com uma diferença positiva de 23pp, mas logo ficou negativo com a pandemia. No segundo semestre de 2020, ficou algum tempo positivo no dígito único, mas novamente submergiu para o negativo, fechando a ficar -36pp no final no ano passado e melhorou para -15pp mais recentemente, conforme pode

ser visto no gráfico abaixo.



Em termos macroeconômicos, dada a melhora no emprego, a avaliação boa e ótimo melhorou, [ficando em linha com o cenário otimista traçado em um artigo anterior do Broadcast](#). A melhora no emprego pode ser a razão da melhora da avaliação do presidente, sendo que o desemprego em julho atingiu 9,1%, bem menor do que o valor de 13,7% de um ano atrás. No modelo em que utilizo variáveis macroeconômicas para explicar a popularidade dos presidentes desde FHC até Bolsonaro, eu coloco a variável do hiato do desemprego, que é significativa e entrou no modelo com defasagem de dois meses. A outra variável doméstica relevante para explicar o desempenho do presidente é a variação do preço dos alimentos - na verdade, é a diferença do acumulado de doze meses da inflação de alimentos no domicílio. A inflação alta é letal para os presidentes e principalmente a inflação de alimentos, que são os preços que mais afetam a expectativa de inflação dos consumidores e o poder de compra dos salários. A inflação de alimentos ainda não está abaixo da inflação geral, mas a queda do preço da gasolina pode substituir os alimentos para melhorar a popularidade, pois está sendo atribuída ao presidente.

Essa melhora recente provavelmente não será suficiente para mudar a

sorte da eleição. Segundo um modelo da Eurasia Group, se o presidente tivesse 40% de aprovação positiva 6 meses da eleição, as suas chances de reeleição seriam acima de 50% numa avaliação binária. Essa pesquisa é para mais de 200 casos de reeleição em todo o mundo. Naquele momento, a aprovação do presidente Bolsonaro era de 25% de bom e ótimo, o que corresponde a cerca de 30% na avaliação binária, o que não o torna provável a sua reeleição.

Há um certo consenso de que o que liquidou a avaliação do presidente Bolsonaro foi a sua atuação durante a pandemia. A relutância em aceitar a gravidade da situação, a falta de empatia com os que faleceram, a demora em providenciar a vacina e a relutância em usar máscara tornaram o presidente o campeão da rejeição na atual eleição. A rejeição é de 50% segundo o Ipec (ex-IBOPE) e de 51% segundo o Datafolha, apresentando de uma maneira estável e muito superior à do ex-presidente Lula, que está ligeiramente abaixo de 40% dependendo da pesquisa.

Com relação às pesquisas eleitorais, elas mostram um certo encurtamento da distância entre os dois principais candidatos. O Datafolha, na semana passada, mostrou na pesquisa estimulada de primeiro turno diferença de 11pp, menor do que os 21pp de maio. Pesquisa divulgada na segunda-feira pelo Ipec foi na contramão das outras e mostrou um alargamento da distância nessa mesma métrica para 15 pontos. Dadas essas discrepâncias, é importante então avaliar a média consolidada das pesquisas que, segundo a Eurasia, atribuem uma vantagem de 7pp para o Lula no primeiro turno e de 10pp no segundo turno. O resultado, mesmo com algum aperto da diferença na margem, mostra uma situação de estabilidade, e segundo essa mesma consultoria torna o ex-presidente favorito com chances de 65% de ser eleito. Eles colocam uma maior probabilidade de ajustar para baixo essa estimativa da vitória de Lula, dada a melhora na economia. O Agregador de pesquisa do **Estadão** aponta uma

diferença maior para Lula, de 11 pp nas pesquisas estimuladas de 1º turno.

Há um clara clivagem de renda. Segundo o último Datafolha, entre os que ganham até dois salários mínimos, Lula lidera de 54% a 26%, já entre 2 e 5 SM Bolsonaro abre vantagem de 49% a 34% e com renda superior a 10 SM, 42% a 29% para o atual presidente. Já na pesquisa Quaest/Genial, até 2 SM a vantagem de Lula é de 51% a 26%; entre 2 a 5 SM, 39% a 37% para o atual; e acima de 5 SM, 43% a 35%, também com vantagem ao incumbente. Há uma forte tendência indicando que as classes desfavorecidas financeiramente estão com o ex-presidente Lula, mas há incerteza sobre o tamanho desses estratos devido a falta do Censo de 2020. Na Quaest, a divisão entre os extratos de renda é de 38% até 2 SM, 40% entre 2 e 5 SM e 22% acima de 5 SM. Já no Datafolha, temos 51% até 2 SM, 36% de 2 a 5 SM e 13% acima de 5 SM.

Uma outra divergência grande entre as pesquisas diz respeito à forma em que o entrevistado é abordado. Quando é feita presencialmente, a vantagem do ex-presidente é em média 12 pp, já se é feita por telefone a vantagem quase desaparece. Felipe Nunes, da Quaest, garantiu que nessa eleição o voto envergonhando será do ex-presidente Lula. Esse voto envergonhado, se realmente houver e for para Lula, pode significar que a eleição acabe no primeiro turno. Tanto a pesquisa do Ipec quanto a da Datafolha, que são feitas presencialmente, a vitória no primeiro turno está na margem de erro da pesquisa.

A militância petista mais raiz está empenhada em fazer um esforço em eleger o ex-presidente já no primeiro turno, voltando à velha prática de apontar o dedo e dizer que todos que não votam no primeiro turno em Lula são apoiadores do Bolsonaro. A minha intuição é que, se eleito, o presidente não irá governar com a

militância radical do partido.

A sinalização de colocar o ex-adversário como companheiro de chapa é sinal que fará um governo de coalização com todas os grupos políticos democráticos. Arrisco também a dizer que a política econômica deverá ser similar ao seu primeiro mandato no período anterior a entrada de Guido Mantega. Lula, se eleito, deve indicar um político experiente, apontando uma equipe econômica, que não flertará com políticas populistas, ajudando o Brasil a recuperar as suas contas fiscais, mesmo tendo toda uma agenda social e ambiental que não poderá ser negligenciada.

Marcelo Kfoury Muinhos é professor da FGV-EESP e consultor econômico. Foi economista-chefe do Citi-Brasil e chefe do Departamento de Pesquisa Econômica do Banco Central.

*Os artigos publicados no **Broadcast** expressam as opiniões e visões de seus autores.*